

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: da Idade Média aos dias atuais. Tradução Heci Regina Candiani. 1. edição. São Paulo: Boitempo, 2019.

Carolina Cechella Philippi\*

*“Toda cidade tem sua bruxa  
E toda paróquia, seus trolls  
Tiraremos-lhe a vida com a fogueira da alegria”*  
(Canção de verão dinamarquesa “Amamos nosso país” - 1885)

A cantiga acima reportada chegou ao conhecimento de Silvia Federici em um encontro feminista na cidade de Copenhague (2016). Na ocasião, a canção de verão dinamarquesa foi responsável por fomentar uma discussão a respeito da domesticação da figura da bruxa e dos efeitos duradouros do ocultamento de seu extermínio sistemático<sup>2</sup>. Seus versos foram tão potentes para tais entendimentos que a professora os utilizou para abertura de seu livro “Mulheres e caça às bruxas – da Idade Média aos dias atuais”, publicado no Brasil pela Editora Boitempo em setembro de 2019. A canção também a fez pensar sobre a inserção de episódios de condenação de bruxas na cultura popular e sua comercialização, catapultada pelo seu uso turístico em várias localidades europeias (FREDERICI, 2019, p. 26).

O livro foi pensado como uma condensação da discussão já endossada em *O Calibã e o Bruxa* (2017), revisitando algumas de suas questões de maneira a acessar um público mais amplo. A autora, nessa investida, retomou alguns aspectos da caça às bruxas da Europa sustentando o argumento de “[...] como o atual processo de cercamento e privatização de terras cria o ambiente e as motivações sociais para que mulheres

engajadas na preservação dos comuns sejam acusadas [...] de bruxaria<sup>3</sup> (SANTANA, 2019, p. 16). Para além disso, Silvia Federici se demorou sobre as manobras operadas sobre o controle da sexualidade feminina e de sua autonomia reprodutiva. Para entendimento de ambas as frentes, tematizou incursões operadas nos séculos XVI e XVII e também nos dias atuais. Para a autora, “essa nova fase de perseguição [...] tem raízes na caça às bruxas do passado e é também justificada pela religião e pela misoginia” (Ibidem). Essa dupla frente de investigação reverberou na organização do livro, já que ele se organiza apresentando, num primeiro momento<sup>4</sup>, artigos a respeito das investidas operadas contra as mulheres já nos finais da Idade Média e, em sua segunda parte<sup>5</sup>, esboçando um mapa das formas atuais de violência e acumulação capitalista. Esse movimento se justifica já que, nas palavras da autora, “meu retorno ao passado tem sido constantemente interrompido pela necessidade de compreender as causas da atual onda de violência contra as mulheres” (FEDERICI, 2019, p. 23).

Em seguida, a autora responde a seguinte inquietação: “Por que falar outra vez da caça às bruxas?” em um capítulo específico que, em sua primeira versão, foi

\* Carolina Cechella Philippi é historiadora formada pela Universidade Federal de Santa Catarina e pedagoga pela Universidade do Estado de Santa Catarina. É doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, tendo defendido tese sob orientação do Professor Dr. André Paulilo. Seus principais temas de estudo são História da Educação, Burocracia e Políticas Educacionais.

<sup>2</sup> Conforme Silvia Federici, a Dinamarca teve a maior concentração de julgamentos de mulheres acusadas de bruxaria, sobretudo ao longo do século XVII. O país chegou a abrigar cerca de 297 julgamentos no curto período de oito anos (FREDERICI, 2019, p. 33).

<sup>3</sup> Citações retiradas da apresentação do livro resenhado, de autoria de Bianca Santana.

<sup>4</sup> A primeira parte do livro é composta pelos seguintes capítulos: “Canção de verão Amamos nosso país”; “Por que falar outra vez em caça às bruxas?”; “Caça às bruxas, cercamentos e o fim das relações de propriedade comunal”; “A caça às bruxas e o medo do poder das mulheres”; “Sobre o significado de *gossip*”.

<sup>5</sup> Na segunda parte, listam-se os artigos “Globalização, acumulação de capital e violência contra as mulheres: uma perspectiva internacional e histórica”; “Caça às bruxas, globalização e solidariedade feminista na África dos dias atuais”.

pensado como introdução do livro *O Calibã e a Bruxa*. Nele, advoga pela existência de aspectos estruturais na caça às bruxas dos séculos XVI e XVII que devem ser analisados tendo em vista o contexto histórico apropriado já que:

[...] a caça às bruxas se coloca na encruzilhada de um aglomerado de processos sociais que prepararam o caminho para o surgimento do mundo capitalista moderno, [havendo] [...] muito a ser aprendido a partir da caça às bruxas no que diz respeito às precondições para o salto capitalista (FEDERICI, 2019, p. 40).

Nesse sentido, situa seu trabalho na tentativa de interpretar a investida contra as acusadas de bruxaria como um dos aspectos da instituição do capitalismo na Europa. A esse respeito, alega serem as evidências circunstanciais, mas com potencial explicativo quando inseridas no campo contextual do qual fizeram parte (Idem, p. 42). Defende então como seu objetivo resgatar “[...] a caça às bruxas [...]do isolamento da aldeia e coloca-la em perspectiva. Para tanto, ela precisa ser examinada em continuidade com outros acontecimentos e processos que tiveram desdobramentos nos níveis da aldeia e da nação (FEDERICI, 2019, p. 43).

Em “Caça às bruxas, cercamentos e o fim das relações de propriedade comunal”, Silvia Federici sustenta que os cercamentos das terras inglesas ofereceram um pano de fundo central para o entendimento das acusações contemporâneas de prática de bruxaria e defende sua relação com a acumulação de capital (Idem, p. 47). A autora concorda com uma explicação multicausal para o entendimento da caça às bruxas, mas advoga pelo estabelecimento de uma relação entre suas causas e o desenvolvimento das relações capitalistas (Ibidem). Ao, ainda nesse artigo, tecer elaborações a respeito dos indícios de que o cercamento foi essencial na produção da perseguição às práticas consideradas bruxas, defende que a maioria deles é circunstancial, mas que fazem especial sentido quando se olha para as considerações cronológicas. Dessa forma, os julgamentos se iniciaram a partir do século XVI e tiveram seu ápice no século XVII, quando as relações econômicas eram reformuladas pelo crescente mercado. Mas, para além disso, é dado destaque ao papel de resistência à pauperização e exclusão social por parte da própria acusada, já que:

Na figura da bruxa as autoridades puniam, ao mesmo tempo, a investida contra a propriedade privada, a insubordinação social, a propagação de crenças mágicas que pressupunham a presença de poderes que não podiam controlar, e o desvio da norma sexual que, naquele momento, colocava o comportamento sexual e a procriação sob domínio do Estado (FEDERICI, 2019, p. 53).

Juntamente, pois, com a figura da “bruxa”, eliminaram-se práticas comunais típicas de uma Europa rural pré-capitalista e cercou-se mais que as porções de terras, mas o conhecimento a respeito do próprio corpo, da relação com os demais e com a natureza (Idem, p. 55). Esse argumento segue sendo endossado no capítulo seguinte – “A caça às bruxas e o medo do poder das mulheres” -, que esmiúça questionamentos acerca do porquê de a caça às bruxas ter sido direcionada especificamente às mulheres. Um dos argumentos é que “[...] as mulheres foram acusadas de bruxaria porque a reestruturação da Europa rural no início do capitalismo destruiu seus meios de sobrevivência e a base de seu poder social” (FEDERICI, 2019, p. 62). Para além disso, o modo de produção capitalista não poderia se consolidar plenamente sem que se forjasse um novo indivíduo. Isso, por sua vez, envolveu a abertura de um campo de disputa em relação a tudo que indicasse uma rede de relações que ligasse os indivíduos ao mundo natural (Idem, p. 65). Assim sendo, a racionalização catapultada pela nascente industrialização se opunha à figura da “bruxa”.

Para além disso, a sexualidade feminina passou a ser atacada como um exercício demonizado, passando a ser “historicamente representada como perigo social, ameaça à disciplina do trabalho, poder sobre as outras pessoas e obstáculo à manutenção das hierarquias sociais e às relações de classe (Idem, p. 69). Conformaram-se, então, os parâmetros para uma sexualidade feminina a ser socialmente aceita na sociedade capitalista: “a feminilidade assexuada, obediente, submissa, resignada à subordinação ao mundo masculino, aceitando como natural o confinamento a uma esfera de atividades que foram completamente depreciadas no capitalismo” (Idem, p. 71). Essa mesma estrutura discursiva foi longa em demais configurações históricas, já que os recursos retóricos e os dispositivos discursivos em torno da demonização da figura da bruxa e da domesticidade feminina foram mobilizados em demais momentos na

história. A autora afirma, nesse sentido, que “a bruxa foi a comunista e a terrorista da sua época, quando foi necessário um mecanismo civilizador para produzir uma nova sexualidade e uma nova divisão sexual do trabalho” (Idem, p. 72).

O crescente cerceamento de aspectos da sexualidade e da sociabilidade femininas pode ser também rastreado quando a autora analisa a história do termo “gossip”, cuja tradução atual atribui o significado de “fofoca”. Em “Sobre o significado de ‘gossip’”, é mapeado o deslizamento do uso do termo já que sua expressão, que comumente designava uma amiga próxima, se transformou no termo usado para intitular uma conversa fútil (FEDERICI, 2019, p. 76). Essa mudança pôde ser mapeada no início do século XVI, período no qual – não coincidentemente – as acusações de bruxaria se agigantavam. O efeito se manteve e:

[...] à medida que o século avançou, a conotação negativa da palavra predominou. Como mencionado, a transformação se deu em paralelo ao fortalecimento da autoridade patriarcal na família e à exclusão das mulheres dos ofícios e das guildas o que, com o processo dos cercamentos, levou à feminização da pobreza (FEDERICI, 2019, p. 80).

Esse efeito discursivo foi duradouro e marcou a denotação negativa da “fofoca”, sendo ela parte da desvalorização da personalidade e do trabalho feminino, sobretudo do trabalho doméstico (Idem, p. 84).

A segunda parte do livro – “Novas formas de acumulação de capital e a caça às bruxas na nossa época” – é iniciada pelo capítulo “Globalização, acumulação de capital e violência contra as mulheres: uma perspectiva internacional e histórica”. Trata-se de um ensaio apresentado pela autora em um fórum sobre feminicídio no qual tematizou as novas formas de violência contra a mulher sob o impacto do desenvolvimento do capitalismo, analisando também as diversas formas dessa violência e as estratégias de resistência que dela resultaram (FEDERICI, 2019, p. 89). Para Silvia Federici, a crescente onda de feminicídios “tem sua raiz nas tendências estruturais constitutivas do desenvolvimento capitalista e do poder estatal em todas as épocas” (Idem, p. 91).

Dessa forma, ao invés de desaparecer, a violência contra as mulheres foi normalizada com o fim da caça às bruxas e a abolição da escravidão. Para sustentar o argumento, citou o movimento eugenista dos anos de 1920 e a prática recorrente de lobotomia para cura da depressão das mulheres na década de 1950, “sendo que esse tipo de cirurgia era considerado ideal para as mulheres destinadas ao trabalho doméstico, função que supostamente não requeria cérebro” (FEDERICI, 2019, p. 93). Porém, paralelamente à normalização da violência contra a mulher como aspecto estrutural das relações familiares e de gênero, agigantam-se os casos de assassinato e estupro<sup>6</sup>. Defende, a esse respeito, a tese de que:

[...] estamos assistindo a uma escalada da violência contra as mulheres, especialmente afrodescendentes e indígenas nativas, porque a “globalização” é um processo político de reconquista destinado a entregar ao capital o controle inquestionável sobre a riqueza do mundo natural e o trabalho humano, e isso não pode ser alcançado sem atacar as mulheres que são diretamente responsáveis pela reprodução de suas comunidades. [...] A violência contra as mulheres [é] [...] mais intensa naquelas partes do mundo mais ricas [...] em recursos naturais, [...] onde a luta anticolonial tem sido mais forte. **Maltratar as mulheres é útil para os ‘novos cercamentos’** [grifo meu] (FEDERICI, 2019, p. 94)

A violência contra as mulheres é então ponto fulcral das operações das empresas mineradoras e petroleiras em África e América Latina não apenas pelas mensagens que transmite, mas pelo que as mulheres representam em termos de defesa de noções não comerciais de segurança e abundância (Idem, p. 96). É sob esse prisma que Federici mapeou “a volta da caça às bruxas” no continente africano e na Índia. O fenômeno foi catapultado por fatores tais como a desintegração da solidariedade comunal, a expansão de seitas evangélicas neocalvinistas e a privatização das terras (Idem, p. 97). Essa violência é também alimentada pela micropolítica individual responsável pela clausura feminina em trabalhos domésticos não remunerados e não mais suficientes para sua aceitação social, muitas vezes somados a expedientes assalariados, porém mal remunerados (Idem, p. 98 – 99).

<sup>6</sup> A autora citou como exemplo os assassinatos na Cidade Juárez e a recorrência de sequestros e assassinatos de mulheres na América Latina (Idem, p. 93 – 94).

A esse cenário, a autora defende a articulação de resistências em diversas frentes devido ao caráter difuso da violência enfrentada pelas mulheres. Faz, a esse respeito, o destaque de que devem ser elas a capitanearem tais estratégias já que “em todos os casos, a decisão das mulheres de contra-atacar [...] tem sido vital [...] [mas ela] deve vir acompanhada por um processo de reavaliação da [sua] [...] posição nas atividades reprodutivas” (Idem, p. 104).

Em seu capítulo final – “Caça às bruxas, globalização e solidariedade feminista na África dos dias atuais” – Federici retomou discussões já alavancadas em *O Calibã e a Bruxa* para discutir a caça às bruxas em África na contemporaneidade e sugerir iniciativas que feministas podem encabeçar a esse respeito. Seu argumento é que “essas caça às bruxas devem ser compreendidas no contexto da profunda crise do processo de reprodução social causada pela liberalização e pela globalização das economias africanas” (FEDERICI, 2019, p. 109). Sua análise a levou a conclusão de que “as feministas, ao se mobilizarem contra as graves violações dos direitos das mulheres, deveriam levar a julgamento as agências que criaram as condições materiais e sociais que as tornaram possíveis (Idem, p. 110).

A esse respeito, Silvia Federici defende que as caças às bruxas rastreadas em África atual são também um fenômeno global e que ele é uma reação a uma reestruturação neoliberal das políticas econômicas (Idem, p. 113 – 115). Elas seriam, então, resultado da precarização dos laços comunais e da instauração de laços trabalhistas exploratórios. Paralelamente, esse fenômeno assumiu também a roupagem de uma luta pela sobrevivência na qual a eliminação da população idosa e das mulheres em geral acarretaria na geração de empregos para as novas gerações. Não surpreendentemente, são os homens jovens e desempregados aqueles que, em muitos casos, são a mão de obra da caça às bruxas contemporânea, o que a dá também um caráter de luta inter-geracional (FEDERICI, 2019, p. 120).

Em um segundo tópico do artigo, a autora demorou-se em listar formas de ação possíveis para que as feministas se engajem de maneira efetiva contra essa realidade. Para ela, o primeiro ponto seria o

envolvimento em investigações a respeito das condições sociais para essa retomada das caças às bruxas (Idem, p. 132). Porém, a ação efetiva dar-se-ia pela via do fortalecimento das formas de resistência encampadas pelas próprias mulheres, negando assim uma lógica de assistência que apenas conferiria maior protagonismo e poder a órgãos regulatórios internacionais (Idem, p. 137). Também para ela, é necessário se atentar para o crescente dismantelamento dos laços de comunalismo em África. É, conforme sua interpretação, o enfraquecimento dos laços de comunidade causado pela implantação da lógica neoliberal o principal responsável pelo ressurgimento da caça às bruxas, já que elas são representantes de vínculos interpessoais e para com a natureza que seria interessante destruir (FEDERICI, *Op. Citt*, p. 135). Por fim, defende que:

[...] essa forma de perseguição não está mais relacionada a um momento histórico específico. Ela adquiriu vida própria, de modo que os mesmos mecanismos de agora podem ser usados em sociedades diversas, quando nelas houver pessoas que precisam ser ostracizadas e desumanizadas (FEDERICI, 2019, p. 137 - 138).

São, por fim, na conclusão do livro elencadas as perguntas às quais ele se propôs a responder e que a autora entende como cruciais para qualquer movimento social. A principal, porém, é o porquê de as mulheres terem sido reiteradamente submetidas a tamanha violência, incluindo a caça às bruxas. As razões para tanto vêm, “sobretudo, da necessidade de o capital destruir o que não consegue controlar e degradar aquilo que mais precisa para sua reprodução” (FEDERICI, 2019, p. 140). A caça às bruxas, pois, seria uma forma a mais de destruir relações comunais e de atacar as possíveis mães de uma juventude rebelde (Idem, p. 139). Silvia Federici, por fim, destacou a importância do entendimento desse fenômeno histórico e as formas pelas quais ele se perpetuou para, somente assim, movimentos feministas do mundo todo poderem evitar sua reconfiguração e retorno (Idem, p. 141).

A obra, por fim, tem o mérito de trazer a potente discussão já endossada pelo *O Calibã e a Bruxa* com uma roupagem mais condensada e acessível. Para além disso, tem a centralidade da argumentação calcada em dois pontos principais. São eles: a primazia da resistência feminina e a interpretação dialógica conferida ao fenômeno da caça às bruxas. A respeito do primeiro, as formas de resistir encampadas pelas

mulheres ao longo da história são fulcrais não somente para o combate às formas contemporâneas de perseguição às “bruxas”, mas também para o entendimento de seus alvos. Assim sendo, a resistência das mulheres desempossadas e subjugadas pelos cercamentos de terras e pelos dismantelamentos dos laços comunais foi preponderante para a amarração ideológica da figura da bruxa e à ojeriza que a ela seria dirigida. Por fim, considerar o fenômeno historicamente implica nuançar suas distintas configurações sociais e políticas de acordo com as diferentes épocas sem, contudo, obliterar os fatores estruturantes da perseguição à bruxaria. Para Federici, pois, entender a caça às bruxas enquanto fenômeno histórico implica apreender seus desdobramentos ainda na atualidade e considerar seu endereçamento a mulheres que resistiram às inúmeras formas de desapropriação das quais foram vítimas. Envolve, por fim, a articulação na atualidade de movimentos feministas preocupados em evitar seu retorno, ainda que com novos contornos.

#### **Breve biografia da autora:**

Silvia Federici é escritora e professora, nascida na Itália em 1942. Mudou-se para os Estados Unidos em 1960 onde, em 1972, ajudou a fundar o Coletivo Internacional Feminista. Entre suas obras anteriores estão *O Calibã e a Bruxa* (Elefante, 2017) e *O Ponto Zero da Revolução* (Elefante, 2019).